

5.

Metodologia

A pesquisa nada mais é do que uma investigação planejada, realizada de acordo com preceitos metodológicos (RUIZ, 1996). A metodologia científica ainda se relaciona com um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados para solucionar questões relacionadas com a busca do conhecimento de forma sistemática. A pesquisa procura, portanto, respostas para indagações, ou seja, perguntas e problemas (RODRIGUES, 2007, p.2).

Neste caso, buscamos um método de pesquisa aplicada, é dizer, com soluções concretas para problemas da vida moderna (RODRIGUES, 2007, p.3). Inicialmente, começamos pela modalidade exploratória, ou, em outras palavras, pela caracterização inicial do problema. Em seguida, passamos para a teórica, que objetiva trazer discussões de generalizações, estruturar o quadro apresentado e conectar a hipótese com uma visão dentro do universo (RUIZ, 1996). Além disso, uma pesquisa bibliográfica também pode ser identificada, já que uma vasta literatura foi revista, demonstrando o conhecimento científico acumulado sobre o problema em questão. Por fim, utilizamos a pesquisa de campo empírica. A ideia é relacionar grupos e locais onde o estudo foi realizado por se enquadrarem na lógica de participação em projetos de ajuda para o desenvolvimento (VICTORA et al., 2000).

Baseada em um modelo qualitativo e com objetivo exploratório, a pesquisa busca trazer descrições e interpretação dos fenômenos. Foi realizada com jovens envolvidos em dois projetos e mais entrevistados responsáveis por três iniciativas brasileiras de ajuda para o desenvolvimento em certas localidades. A escolha dos locais da pesquisa levou em consideração nosso envolvimento com duas dessas iniciativas que poderiam ser avaliadas em profundidade e trazer benefícios para os próprios projetos.

Este estudo pode ser também considerado indutivo, pois procura realizar um estudo de caso com apenas três projetos para demonstrar possíveis mudanças na lógica da ajuda internacional para o desenvolvimento. No entanto, é válido mencionar que com somente três estudos de caso não é possível atingir generalizações, ou seja, não necessariamente essa lógica seguirá para o universo de projetos de desenvolvimento em favelas (RODRIGUES, 2007, p.16).

Procuramos, portanto, a construção de um conhecimento baseado em etapas que levaram a organização de um processo. Adotamos a abordagem qualitativa para trabalhar as relações sociais delimitadas nesse procedimento (MINAYO & SANCHES, 1993). Victora et al. (2000) sugerem que as técnicas devem ser pensadas e escolhidas de acordo com os objetivos do trabalho. Para os autores, o uso combinado e coerente de várias técnicas ajuda a preencher lacunas e tornar mais completa a coleta de informações em campo.

Para a coleta de dados, aplicamos inicialmente a metodologia proposta por Victora et al (2000, p.62-4) de estudo observacional participante. O modelo proposto visa acompanhar uma pesquisa para posteriormente poder descrevê-la. Sendo assim, a observação não é realizada apenas pelo ato em si, mas possui o intento da descrição de um problema previamente definido (VICTORA et al, 2000, p.62).

Segundo Victora et al (2000), o observador se mantém presente na situação social em questão, de forma crítica, a fim de realizar sua investigação. E ao estar presente no cotidiano natural, adquire os dados (VICTORA et al, 2000, p.64). Durante esse estágio da pesquisa, se faz necessário o uso de um diário de anotações sobre aspectos marcantes, usufruindo dos dados coletados para posterior elaboração dos instrumentos semiestruturados, aplicados durante as etapas seguintes.

Em seguida, procuramos realizar entrevistas semiestruturadas para conversar com atores chave importantes em cada um dos projetos. As entrevistas, nesta etapa da pesquisa visaram complementar a fase inicial do projeto com o estudo observacional de Victora et al (2000). Para as entrevistas semiestruturadas, organizamos um pré-roteiro que nos serviu de base para uma conversa que foi áudio-gravada e, posteriormente, transcrita. Dessas entrevistas, aplicamos a metodologia de análise de conteúdo (BARDIN, 1977), procurando significado por traz dos discursos dos nossos entrevistados.

Além de acompanhar a implementação dessas iniciativas através do modelo de observação participante (VICTORA et al, 2000) e das entrevistas semiestruturadas, também conversamos com parte da comunidade local, utilizando, nessa etapa da pesquisa, a metodologia de grupo focal (MERTON et al, 1990, p.541; COLUCCI, 2007; p.1422-1433). A opção pela formação de

grupos focais se deu pela capacidade dessa metodologia de aprofundar temáticas, mesmo calcadas sobre amostras relativamente pequenas.

Os grupos focais surgiram como técnica para o aprofundamento de determinados assuntos. Descritos, inicialmente na década de 70 (GONDIM, 2002, p. 149) pela literatura de marketing, foram incorporados, posteriormente, pelas ciências sociais como um artifício de investigação qualitativa (GONDIM, 2002, p. 150). Morgan (1977, p.8) define grupos focais como procedimento de pesquisa que coleta dados por meio das interações e discussões que os participantes mantenham durante a aplicação da técnica, na qual um tema é sugerido pelo pesquisador/moderador. A participação do pesquisador/moderador oferecerá a diferenciação entre as técnicas de grupos focais e entrevistas coletivas. Segundo o autor, o grupo focal é um método intermediário entre a observação participante e as entrevista em profundidade e na qual o moderador é um facilitador do diálogo entre os sujeitos da pesquisa.

Certos autores (SILVA & ASSIS, 2010, p. 147; FARNSWORTH & BOON, 2010, p. 609) que aplicam a metodologia de grupos focais recomendam que os sujeitos possuam alguma semelhança entre si como idade, perfil socioeconômico, entre outros aspectos, ou seja, que a formação dos grupos focais tenha alguma homogeneidade como valores, condutas, pois isso pode contribuir com relatos mais enriquecedores e trocas de experiências mais aprofundadas, encorajando os participantes a se manifestarem (FRANSWORTH & BOON, 2010 , p 609).

O papel do pesquisador/moderador nos grupos focais procura cobrir uma variedade de tópicos relativos ao tema desta pesquisa. Inicialmente, é organizado um pré-roteiro que visa promover a discussão entre os participantes sem, no entanto, emitir opiniões, valores e comentários que possam interferir nas interações entre os sujeitos da pesquisa. Sendo assim, procura-se limitar possíveis intervenções. Como sugerem Gondim (2002, p. 155) e Nogueira-Martins e Bogus (2004, p. 51) a ideia é permitir que a discussão flua, intervindo apenas no sentido de trazer para o debate novas questões e para facilitar o diálogo. Nesse sentido, o ideal é deixar os participantes à vontade para comentarem, fazerem perguntas e criticarem o tema em discussão. Como alerta Colucci (2007, p. 1422), a preparação dos moderadores é essencial, pois devem

se preocupar com a forma adequada de abordar determinados tópicos para se alcançar certa qualidade nos dados da pesquisa.

De acordo com Nogueira-Martins e Bogus (2004, p.51), os grupos focais devem ter entre 60 e 120 minutos para não cansarem os participantes e podem ser compostos, em sua operacionalização, com um mínimo de seis indivíduos e um máximo de 15 pessoas, mas podem sofrer alterações de acordo com outros autores. A formação de grupos maiores pode limitar a participação de todos, reduzir as trocas de ideias e reflexões.

Ao finalizar esses grupos focais, é interessante que se faça a transcrição dos diálogos que surjam e a posterior análise de conteúdo como proposto por Bardin (1977, p.45-7), Milliken (1999, p.229) e Rocha e Camargo (2011, p.3-5). A técnica de análise do conteúdo proposta por Bardin (1977) é uma abordagem predominante qualitativa que procura extrair sentido dos dados coletados, revelando aspectos que trazem luz para o foco do estudo. Ao aplicar a metodologia, procuramos verificar nossas questões e, em paralelo, buscamos o que pode estar por trás dos conteúdos manifestos, indo além do que foi comunicado.

Nessa diretriz, ao aplicar a metodologia proposta por Bardin (1977), é interessante fazer uma leitura flutuante de todo o material áudio-gravado durante a realização dos grupos focais e posterior transcrição, procurando nos discursos produzidos elementos significativos para análise. Como Orlandi (2007, p.21) afirma, o “discurso é um complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos, ambos afetados pela história e não meramente transmissão de informação”.

Em seguida, é conveniente uma exploração do material por meio de uma leitura mais aprofundada, procurando unidade de registros persistentes ou palavras-chave de grande valia para o tema ou ainda afirmativas ou sentenças representativas. Posteriormente, se faz a seleção dos trechos de discurso considerados pertinentes e relevantes para a pesquisa e, por último, um recorte no conteúdo, visando a interpretação e categorização das unidades de discurso para ilustrar a pesquisa.

5.1

A escolha dos casos

Para os estudos de caso, optamos por analisar três projetos sociais desenvolvidos em diferentes comunidades do Rio de Janeiro. O primeiro deles, a Plataforma dos Centros Urbanos, é um projeto do Unicef, com uma ótica utilizada por organizações internacionais. A escolha deste caso se deu pelo fato do projeto falar diretamente sobre a importância da participação como um dos seus pilares estruturantes. Assim, pretendíamos observar se há uma perspectiva de mudança de lógica das Organizações Internacionais, ou seja, se existe uma busca por maior participação das populações locais em projetos trazidos por essas organizações.

Por ter experiência de estágio na organização, já conhecíamos o projeto em si – mas em seu ciclo anterior, um pouco distinto do atual – e sua coordenadora, o que contribuiu para o estudo observacional participante, como proposto por Victora et al (2000, p.62-4). Em seguida, foi possível realizar também uma entrevista semiestruturada com a responsável pelo projeto, Luciana Phebo, e a posterior análise de conteúdo, como proposto por Bardin (1977). E ainda, por fim, executamos o grupo focal com jovens participantes, como sugerido por Merton et al (1990, p.541) e Colucci (2007, p.1422-1433) para aprofundamento de algumas temáticas.

Jovens Construtores foi nossa segunda escolha para estudo de caso. Este é um programa desenvolvido por uma ONG americana, o YouthBuild, e que possui grande parte de seu apoio, nos Estados Unidos, vindo de órgãos do próprio governo americano. Portanto, este projeto servirá como base de uma abordagem imbuída de parcerias bilaterais - porém não somente.

Novamente, este é um projeto que busca ter, em sua essência, a participação dos jovens. Portanto, a escolha se deu para analisar se e como um projeto advindo do “internacional” pode trabalhar com o “local”, respeitando suas características, histórias e particularidades, encarando este como ator central tanto para o desenvolvimento como para implementação da ação. Aqui, mais uma vez, utilizamos o estudo observacional participante de Victora e et

(2000, p.62-4), entrevistas semiestruturadas com posterior análise de conteúdo como proposto por Bardin (1977) e a dinâmica do grupo focal de Merton et al (1990, p.541) e Colucci (2007, p.1422-1433).

Por último, analisamos o projeto Índice de Segurança da Criança, uma proposta brasileira do Instituto Igarapé. Com este, pretendemos nos aprofundar na via do terceiro setor. A escolha do Instituto Igarapé se deu por uma lógica diferenciada. Esta é uma experiência nascida nacionalmente e expandida internacionalmente, ou seja, uma instituição que apresenta um quadro distinto dos outros dois casos. Com isso, pretendia-se analisar a possível mudança de lógica ao observar projetos que venham tanto de instituições de fora quanto desenvolvidos por organizações nascidas dentro do contexto brasileiro. Após a escolha do Igarapé como um todo, foi realizada uma pesquisa online sobre os projetos que o instituto desenvolve. Das explicações disponíveis, o Índice de Segurança da Criança pareceu se relacionar mais diretamente com a proposta da pesquisa, já que pretende coletar informações sobre percepção das crianças e adolescentes antes mesmo de delinear ações práticas. Isso quer dizer que apresenta em seu âmago a busca pela participação da população local, algo central para a nossa pesquisa.

Este tripé compõe as bases de sustentação para analisar, sob diferentes olhares, a participação do “local” em projetos desenvolvidos nas favelas cariocas. Por serem apenas três estudos de caso, não é possível generalizar os dados coletados e as análises realizadas, visto que não sabemos se essa lógica se estende aos outros inúmeros projetos existentes atualmente. Mas é interessante perceber como se dá a busca pela mudança de abordagem em um exemplo de cada uma das três vias escolhidas – organização internacional, ONG internacional/parceria bilateral e ONG nacional.

5.2

A coleta de dados

Para a coleta de dados, todos os projetos foram contatos com cerca de um ano de antecedência. Materiais informativos e explicativos foram solicitados para maior entendimento sobre os mesmos. Com isso, conseguimos ter um maior

entrosamento com os três casos antes mesmo da realização das entrevistas e grupos focais. Além disso, em alguns momentos foi possível a participação em reuniões internas das organizações sobre os projetos.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas nos três diferentes projetos. No caso da PCU, a conversa foi feita com a coordenadora nacional do projeto, pessoa com maior cargo relacionada diretamente ao mesmo. No YouthBuild, nossa entrevista aconteceu com a responsável por trazer o projeto para o Brasil, Laurie Bennett, e com Zoraide Gomes, liderança comunitária encarregada do projeto no âmbito local do Morro dos Prazeres. Por fim, no ISC, buscamos uma pessoa imbuída da função de delineamento do projeto, Renata Gianinni, outra pela sua execução atual e expansão, Natalie Hanna, e uma terceira pela aplicação do mesmo na ponta, Regina Sarmento.

A metodologia dos grupos focais foi aplicada em dois diferentes grupos, todos correspondentes a participantes dos projetos sociais em questão. O primeiro foi com jovens do projeto desenvolvido pelo Unicef, Plataforma dos Centros Urbanos (PCU), e o segundo também com adolescentes, mas desta vez do projeto Jovens Construtores. No entanto, infelizmente não foi possível realizar o grupo focal no âmbito do projeto Índice de Segurança da Criança (ISC) visto que o projeto aborda a percepção de violência entre crianças e adolescentes e, por conta disso, utiliza anonimato. Vale esclarecer que nem mesmo a ONG que realizou o questionário do Índice de Segurança da Criança possui dados sobre quem foram os participantes, já que nenhuma das respostas é identificada.

5.3

A execução

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas-chave em cada um dos projetos. Em todas, o roteiro inicial variava entre 10 a 15 perguntas. No Unicef, entrevistamos a coordenadora nacional da Plataforma dos Centros Urbanos, Luciana Phebo, para entender como que a instituição enxerga a participação do “local”. Por questões pessoais, a entrevista com a coordenadora não pôde ser realizada pessoalmente. Fizemos a mesma por telefone, mas mesmo assim tivemos a autorização para áudio-gravar a conversa.

No Jovens Construtores, entrevistamos a diretora de operações de campo internacionais, Laurie Bennett, bem como a Cris dos Prazeres (Zoraide Gomes), uma das lideranças locais da comunidade Morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro. Portanto, buscamos tanto a visão que YouthBuild International tem com relação à participação do “local”, como o entendimento de participação pela própria ótica local, ou seja, por uma moradora de uma das comunidades onde o projeto já foi desenvolvido. Com a Cris dos Prazeres, a entrevista ocorreu em dois momentos diferentes. Uma parte foi realizada no Cedaps, ONG nacional parceira do projeto, e a outra na Associação de Moradores do Morro dos Prazeres, na sala do grupo Proa, iniciativa da própria liderança.

Já no projeto Índice de Segurança da Criança, entrevistamos tanto profissionais do Instituto Igarapé, ONG desenvolvedora da iniciativa, como uma das responsáveis pela aplicação, representante do Instituto Bola Pra Frente, instituição localizada dentro da área alcançada pelo projeto. No caso do Igarapé, trocamos percepções e experiências com a pesquisadora Renata Gianinni e com a coordenadora do projeto, Natalie Hanna, ambas no próprio Instituto Igarapé. As duas entrevistas ocorreram em datas distintas, mas no mesmo local, a sala de reuniões da organização. Já no âmbito do Bola Pra Frente, nossa entrevista foi feita com Regina Sarmiento¹, também em uma sala da própria ONG.

Em todas as ocasiões, buscamos pessoas com grande envolvimento nos projetos, responsáveis pelo delineamento e/ou pela execução. No caso do Unicef, Luciana Phebo é encarregada de ambos, já que, junto com a coordenadora do escritório de São Paulo, desenhou a PCU e os seus componentes estruturais. E além disso, é a coordenadora nacional do projeto, ou seja, a maior responsável pela execução até hoje. Sendo assim, possui vasto conhecimento sobre o mesmo, desde o seu planejamento até o seu desempenho e avaliação. E com isso, conseguiu discernir tanto os *cases* exemplares como as lições aprendidas e o que deve ser melhorado.

No Jovens Construtores, optamos por entrevistar a pessoa responsável por trazer a abordagem do YouthBuild para o Brasil, Laurie Bennett. Com vasta experiência na implementação da mesma em diferentes países, Laurie Bennett foi importante para explicar como o YouthBuild International pretende exportar

¹ Pseudônimo utilizado por opção da entrevistada.

o programa, quais são os pontos que eles não abrem mão e quais são as adaptações locais possíveis. Sendo assim, foi chave para entendermos o desenho e a visão central deste projeto. Na implementação local no contexto do Morro dos Prazeres, a entrevistada foi Zoraide Gomes (Cris dos Prazeres). Moradora da comunidade e liderança já há duas décadas, Cris dos Prazeres apresenta experiência com diversos projetos e em diferentes formas de atuação, então foi essencial em termos de comparação, podendo nos indicar os pontos em que o projeto pareceu mais adequado à realidade local e quais que deveriam ter sido melhor adaptados ou executados. E isso foi muito admirável para termos também a visão de uma figura relevante para o “local”.

Por fim, a escolha das três pessoas do ISC se deu por diferentes aspectos. A primeira delas, Renata Gianinni, por estar presente desde o seu desenho. A segunda é a coordenadora atual do projeto, Natalie Hanna, sendo inclusive responsável pela sua expansão. Com isso, está diretamente ligada aos pontos que deram certo e que serão seguidos e aos que precisam ser melhorados. Assim, pôde nos indicar também dificuldades atuais na implementação do mesmo. E a última, Regina Sarmiento, responsável pela aplicação do questionário, nos informou quais foram os pontos positivos bem como as dificuldades na ponta, já que trabalha diretamente no campo e se relaciona diariamente com os jovens envolvidos.

Com relação a realização dos grupos focais, na Plataforma dos Centros Urbanos, tivemos a participação de seis jovens, enquanto no Jovens Construtores, foram oito. No primeiro, os jovens tinham entre 18 e 24 anos e vinham de diferentes regiões da cidade: Bangu, Escondidinho, Fallet, Manguinhos, Tijuca e Vila Kennedy. No segundo, as idades variavam entre 17 e 24 anos e eram todos moradores do Morro dos Prazeres.

Os que estiveram presentes no grupo focal foram recrutados por serem participantes dos projetos em questão, mas a adesão foi livre, não obrigando outros integrantes a estarem nos dias de estudo. Todos os voluntários receberam informações sobre o objetivo da pesquisa, sendo exposto também o anonimato de cada um ali presente. Foi solicitado a todos a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (que se encontra em anexo). O tempo de cada um dos grupos focais girou em torno de 60 minutos e cada um contou com um mediador. Ambas as ações foram áudio-gravados com permissão dos

participantes. Depois dos encontros, as conversas foram transcritas, e, ao final, a análise de conteúdo foi realizada (BARDIN, 1977, p.45-7). A pesquisadora não emitiu opiniões durante a atividade e todas ocorreram no primeiro semestre de 2016.

Como planejamento, foi feito um roteiro com 14 perguntas pré-estruturadas, incluindo, entre outras, a percepção deles sobre como o projeto envolve a comunidade no seu desenhar e desenvolvimento, diferenças na possibilidade de participação entre o projeto em questão e outros já vivenciados por eles, os momentos de escuta propostos pelos responsáveis do projeto, mudanças que fariam e pontos positivos e negativos da participação local.

Em todos os casos de entrevista, assim como nos grupos focais, transcrevemos o material áudio-gravado para posterior análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Neste momento, a procura foi por significados por trás dos discursos dos nossos entrevistados, ou seja, por elementos que pudessem ser significativos para a nossa análise e que, em alguns casos, não tivessem sido mencionados diretamente.

Com a metodologia aplicada neste estudo de campo, procurou-se então identificar pontos relevantes que pudessem contribuir com reflexões sobre a importância do papel de organizações internacionais, de ONGs, parcerias bilaterais e de organizações locais na construção de soluções nascidas dentro das próprias localidades e sugerir, se for o caso, aspectos para o incremento dessas parcerias junto a comunidades, visando a redução das desigualdades e seu desenvolvimento.